

O padre Consoni foge á acareação com o menino Socrates

A Semana Santa

Com a regularidade com que os dias se succedem ás noites, a igreja christã faz morrer todos os annos, na mesma época, no mesmo dia e na mesma hora, um tal Jesus de Nazareth, alcunhado « Christo », — pretensão fundador dessa igreja — que, diz ella, andando ha cerca de vinte seculos, pelos valles da Palestina, na Judéa (uma colonia barbara do imperio romano) a fazer discursos sediciosos e praticas impias e hereticas, foi preso, « levado a quatro tribunaes mui distantes » e, depois de condemnado á morte, conduzido a um cerro maninho de Jerusalem, chamado Calvario ou Golgotha, onde foi crucificado entre dois ladrões.

A simples recordação desse facto ou lenda — de qualquer modo baseado nos costumes e instituições da época — deve fazer pensar nos progressos que a justiça christã, livre pensadora e quasi socialista dos nossos dias alcançou sobre a sua co-irrinã de ha vinte seculos.

Numa época em que o rei era absoluto e unico a mandar, sem parlamento ou lei acima da sua vontade; em que a religião era governo e os sacerdotes potestades — surge, lá numa colonia barbara e numa aldeia ainda mais barbara, um maltrapilho inculco e ignaro, que nem a lingua official sabe falar e, no meio duma turba que o applaude, entra de roldão na cidade a proclamar-se rei, a dizer-se Filho Unigenito de Deus, Redemptor, Messias (supremo insulto e suprema heresia); depois, colérico, furioso, accusando violentamente sacerdotes e governantes, penetra no templo de chicote em punho e põe-se a surrar e escorraçar sem piedade uns pobres mercadores que por caridade e commiserção dos superiores da synagoga ganhavam a vida á porta da igreja — que era o ponto central de reunião e feira entre os judeus — a vender bugigangas, curiosidades e amuletos, como ainda hoje fazem os mascates, as pretas-minas e outros negociantes pobres, porque os ricos, então como agora, estavam commodamente installados em confortaveis barracas e amplas casas nas immediações do templo. Após tudo isto, que hoje bastava para levar qualquer á guilhotina, á forca, ás cem varadas da ilha das Cobras ou á troca por galinhas no Alto Acre — depois disto, — esse torvo camponio intromette-se impertinente no julgamento duma adúltera (que era feito no adro, entre povo e autoridades) e, com paradoxos, phrases ambíguas da sua lingua aldeã e barbara e muita audecia, consegue suspender a execução da lei, produzindo na população um murmúrio, confusão e desordem que por si só bastariam para pôr em terror o mais solido regimen politico da actualidade e justificar da parte do governo constituído as « mais severas medidas », isto é, as mais horrendas represalias.

Pois bem; este maltrapilho, este revolucionario, este sedicioso, acusado dos mais graves crimes contra a « ordem », contra as instituições, contra a religião e contra o rei, é finalmente preso e, para ser condemnado — coisa que as autoridades, juizes e tribunaes modernos resolveriam tão facilmente mandando-o matar summariamente ou fazendo-o suicidar-se na prisão — para ser condemnado é este inimigo da ordem « levado a quatro tribunaes mui distantes, e á um delles duas vezes », conforme conta o douto padre Antonio Vieira; surgem entre os tribunaes e os juizes divergencias e questões; Poncio Pilatos, vice-rei da Judéa (« pagão, sceptico e de maus costumes », como diz certo historiador), recusa sancionar a sentença de morte daquelle judeu obscuro, em que mais vê um so-

nhador desequilibrado e visionario, que um desordeiro e sedicioso; os sacerdotes e as classes conservadoras conspiram, por isso, contra Pilatos, que põe em risco o seu lugar de pretor e as suas boas relações com o imperador Tiberio para salvar da cruz o pobre e indefeso Christo.

Emfim, ante os perigos tremendos da conspiração que contra si é movida, Pilatos decide entregar Jesus aos seus algozes; mas, por um *truc* supremo, tenta ainda salvar-lhe a vida, offerecendo á escolha da poplãça o perdão de Jesus, que elle (*Ecce homo! Ecce homo!*) aponta como innocente e bom ou Barrabás, conhecido facinoroso.

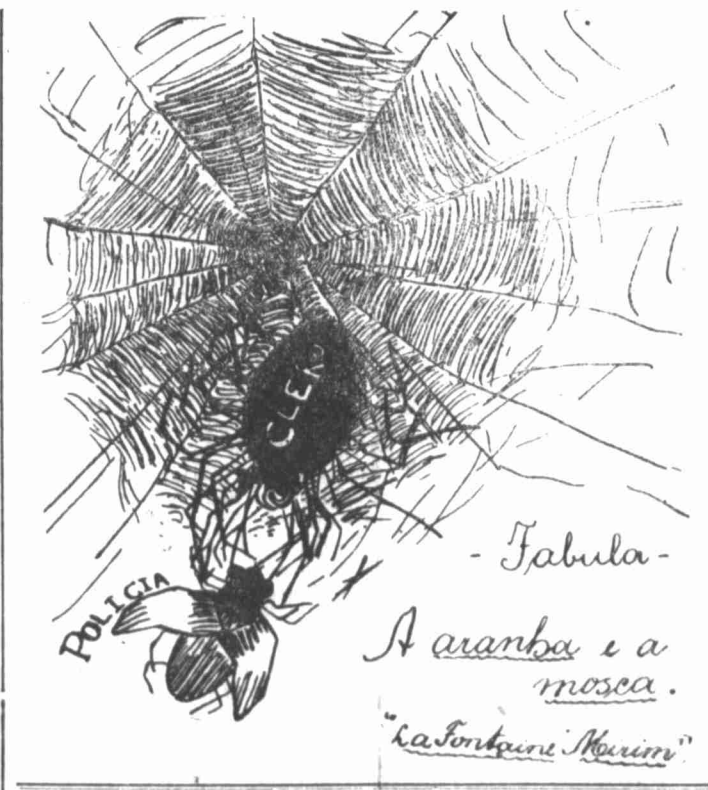
A multidão, dirigida pelos phariseus, que eram os doutores da lei e « jornalistas » de então, absolve o facinoroso e condemna Jesus; mas Pilatos, não contente com esse resultado, desgostoso e arreliado por não poder salvar a vida a esse pobre visionario que devia tornar-se mais tarde o Deus da Morte do Occidente, com a consciencia cheia de escrúpulos e cuidados, tem ainda uma ideia, um pensamento genial: manda trazer ao Pretorio uma bacia com agua, mergulha nella as mãos e, num gesto largo, nobre, grande, que o eternizará como a mais bella figura de toda a historia ou lenda do christianismo, vira-se desprezivamente para a plebe e diz-lhe que lava as mãos do sangue daquelle innocente — ao que a canalha, entre gritos atroadores, responde « que sim, e que o seu sangue caia sobre nossas cabeças ».

E tudo isto se passou em doze horas: « Foi Christo preso ás doze da noite e crucificado ás doze do dia »!...

Mas deixando de lado, por agora, o inverosimil e fabuloso que hade haver em tudo isso, detenhamo-nos por um momento a comparar os escrúpulos dos juizes de Tiberio com a semcerimonia e desprendimento e cynica e cruel e cobarde e vil in differença com que os juizes do seculo vinte deliberam sobre a vida de todos os que, como então Jesus, clamam hoje contra a « ordem » vigente e procuram reformar a sociedade, baseando-se na justiça, na equidade e no amor por que Jesus clamava e que enchia de tanto entusiasmo e fervor os deserdados e maltrapilhos que o applaudiam e seguiam então como hoje applaudem e seguem os pregadores das novas ideias do socialismo e da anarchia.

E' edificante, é assombroso, o contraste. Mas se analysassemos o abysmo a que desceu a justiça após o triumpho do christianismo e passassemos em revista, ainda que ligeira, como em animatographo, a odysseia torva, hedionda, horrorosa, aterradora — peor que todas as torturas do *Inferno* de Dante e que todas as monstruosidades do *Fardam dos supplicios* de Mirabeau — porque essa justiça já tão civilizada e liberal dos tempos de Tiberio passou desde o triumpho do christianismo até os nossos dias, — ah, então é que o abysmo se tornava profundo e insondavel, porque, effectivamente, desde o barbaço e estúpido combate judiciario da Edade Media, o cão feito juiz e todos os horrores da inquisição até ao *segredo* em que morreu Bresci e á machina electrica que mastigou ha quatro annos, nos Estados Unidos, a cabeça de Léon Colz, vai um lugubre e sinistro panorama, que para sempre attestará que o christianismo foi, como assevera Nietzsche, uma calamidade horrenda, a maior de todas as calamidades que podia desabar sobre uma civilização, fazendo-a retroceder mais de cincoenta seculos sobre o doloroso caminho em que ella seguia para a justiça e para a belleza.

Entretanto os hypocritas, os cretinos e os ignorantes de todos os tempos continuaram a dizer sempre que Christo redimiu a



humanidade e salvou o mundo... E a igreja christã continuará todos os annos, pela quaresma, a exhibir o corpo desse pobre e inutil e pretencioso Jesus, fazendo reviver toda a lenda da sua morte para embrutecer o povo e apañhar alguns nickéis...

E essa espectacular solennidade da semana santa, que pela sua repetição invariavel annual já não devia attrair ninguem, continuará — talvez por ser precedida pela orgia do carnaval e a humana besta esteja caçada de rir, de dar pinotes e machear, talvez porque essa tragedia-comedia-revista annual tenha especial atractivo — a fazer ficar triste e melancolica a população ingenua, que na Sexta-feira da Paixão (ultimo acto da peça) desce á rua em massa compacta e, muito austera, com uma aura de pesar sobre a carranca, lá vai em rebano pelas igrejas a untar de baba e de lagrimas a figura estafada e sedida de um homem morto, escavado e nu, — deixando-lhe aos pés o tostãozinho, por vezes tão dolorosamente ganho, com que o clero sustenta o fausto do seu serralho e a pompa do Vaticano.

E' isto a palhaçada da semana santa, da qual a legião dos carcosos da humanidade e sugadores do sangue alheio, toda essa horda de « homens honrados » que vivem sem trabalhar, não deixa de tirar o partido que pôde: de cartola preta muito alta e severa casaca ou frack, negros como a alma que lhes vai dentro, lá segue a corja hypocrita e vil no meio da multidão escrava, ingenua e ignara. Uns caminham contractos e cabisbaixos, sob o remorso dos crimes praticados; outros vão joviaes e folgazões a flirtar e a bolinar, farejando, lubricos, como abutres de sensualidade, uns labios de mulher que se pareça com Maria ou um rosto de rapaz com ares de Menino Jesus.

E' isto a semana santa. A isto é que está reduzido o christianismo.

MOTA ASSUNÇÃO.



Pic-nic anticlerical

Conforme noticiámos, realizou-se domingo, 2 de abril, um festivo pic-nic, de familias anticlericas, no esplendido parque Jabara. Foi um bello passeio que nos deixou saudosas recordações. A' alegria ruidosa dos passeantes allia-se a belleza, o encanto do bem cuidado parque onde se effectuou o pic-nic.

Foi um « dia cheio », do qual nos restam as saudades e as photographias ali tiradas.

A cobardia dos pulhas

Quarta-feira, perante o dr. Gastão de Mesquita, juiz da 2.ª vara, deviam depor — *Ad perpetuum rei memoriam* — os padres Faustino Consoni e João Capelli, o sr. Domingos Stamato e o menino Socrates, irmão da menor Idalina.

Ao meio dia em ponto, presentes o juiz, o 2.º promotor publico dr. Sebastião Lobo, o nosso amigo advogado Benjamin Mota, que havia requerido que esses depoimentos fossem tomados, e o escrivão sr. Elias Meyer.

Foi chamado a depor o celeberrimo padre Faustino Consoni, que, sentando-se, depois de ler a petição para sobre ella depor, num estado de irritação e exaltamento que a todos espantou, entrou a vociferar contra Benjamin Mota, contra Ristori, dizendo que Deus havia de castiga los com as penas do inferno; que elle era bresciano e não tinha medo de ninguem; que não depunha porque não podia estar a fazer a defesa dos seus accusadores.

Foi tal a exaltação de padre Faustino, que dizia improperios contra Benjamin Mota, que nobremente, como advogado que ali estava no cumprimento do seu dever, supportou-os, que o dr. Mesquita chamou a ordem padre Faustino, declarando-lhe que não permitia que assim procedesse.

E, o padre famoso, negou-se terminantemente a depor. Teve medo. Sabia que estava perante um juiz que procuraria descobrir a verdade, e não perante o delegado Pinheiroinho. Sabia mais, que se respondesse, seria obrigado a responder ás perguntas de Benjamin Mota e que este, sabedor como está de todos as minucias do crime, apertal-o-ia num circulo de ferro.

Sabia mais que poderia ser requerida a sua acareação com Socrates, e quiz fugir disso, como já fugiu na policia, dando parte de doente...

Os criminosos são assim. Fugem, se se lhe permite, quando a prova pôde ser contra elles esmagadora.

E' seria o seu depoimento perante o juiz uma prova esmagadora contra o padre Faustino Consoni e o seu digno companheiro de infamias, padre João Capelli, que, como elle, tambem se recusou a depor.

O celebre coronel dr. Piedade, que acompanhou os dois patifes tonsurados ao Forum Criminal, quiz intervir na inquirição, mas Benjamin Mota chamou-o a ordem, fazendo-lhe sentir que testemu-

nhas não se podem fazer acompanhar de advogado.

Depois foram inquiridos Socrates e o sr. Domingos Stamato, cujos depoimentos mais uma vez provaram toda a infamia dos padres do Orfanato,

Os factos do dia 12

Numa justificação requerida pelo nosso companheiro Benjamin Mota, defensor das victimas do arbitrio policial na noite de 12 de março — o dr. Passos Cunha, Orestes Ristori e Cerchiali da *Battaglia* e Edgard Leuenroth e José Romero, da *Lanterna*, depuzeram as testemunhas tenente Pedro de Alcantara Gonzalez, comandante da guarda da Central; a praça José Augusto Rodrigues, ajudante de carcereiro e Armando de Andrade, o ferido. Este declarou que os tiros que recebeu partiram do lado da rua de S. Bento, quando elle, já em frente á Casa Allemã, dirigia-se para o lado do largo da Misericordia.

E acrescentou que, voltando-se, para ver se via o seu aggressor, não viu mais ninguem atraz delle.

Ora, assim sendo, está claro que esses tiros não partiram do grupo que acompanhava Orestes Ristori e os demais presos, pois estes já haviam passado, estavam adiante, no largo da Misericordia, e, quiçá presos já quando os tiros foram disparados.

Armando de Andrade declarou mais que, logo depois de ferido, tomou um automovel e dirigiu-se á Central, para medicar-se, e ali chegando já estavam os nossos amigos presos, tanto assim que uma autoridade mostrou-lhe um delles, cujo nome não sabe (foi Ristori) perguntando-lhe se não fora aquelle que disparara os tiros.

O tenente Pedro Gonzalez, de-sejando agradar para receber mais um galão, disse que na noite de 12 de março foram recolhidos aos xadrezes da Central cerca de 90 presos, e que uns *vinde estavam armados de revolvers, facas, navalhas e cacetes*.

Perguntado por Benjamin Mota si as armas apresentavam vestígios de terem sido usadas, respondeu que não, pois os revolvers não estavam detonados e as armas brancas não tinham manchas de sangue.

Infelizmente para o tenente Gonzalez, que faltou com a verdade dizendo que foram encontradas umas vinte pessoas armadas, a praça Rodrigues, ajudante de carcereiro e de serviço na Central na noite de 12 de março, declarou que das setenta pessoas, mais ou menos, que recolheu ao xadrez naquella noite, apenas duas estavam armadas — uma com um revolver, que não fora usado e outra — um barbeiro com uma navalha.

E ahí está a prova evidente do que temos affirmado; o povo, na noite de 12 de março não estava armado. Procurava pacificamente exercer um direito, e foi brutalmente dispersado pela policia que, violando a constituição e as leis do paiz, assim impediu que o povo fizesse o que as leis permittem.

Estamos fazendo uma larga distribuição da LANTERNA, enviando-a a todas as pessoas que julgamos estarem de accordo com o seu programma.

Consideraremos, portanto, como nossos assignantes todos aquelles que não devolverem o primeiro numero recebido.

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.
Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 157.
Encontre-se á venda na Messageira Central, á rua Bragança.

Belén Sárraga

Domingo esteve de passagem por esta capital a illustre escritora e conferencista hespanhola Belén Sárraga, directora do diario de Montevideo *El Liberal*, que já tomou parte em diversos congressos de livres-pensadores, acido de nomes consagrados no campo da sciencia e das letras.

Chegou pela manhã, pelo vapor hespanhol «Valbanera».

Foram esperá-la em Santos Edgard Leuenroth e José Romero, da *Lanterna*, commissões da Loja União Hespanhola, da Associação do Livre Pensamento e outras associações liberaes de que não tomamos nota.

A bordo foram esperá-la o consul hespanhol e representantes de diversas associações hespanholas, a Federação Operaria, a Liga do Livre Pensamento de Santos e outras sociedades, além de diversas pessoas.

A' estação foram acompanhadas todas as aggremações acima mencionadas, numerosas pessoas, entre as quaes notámos o conhecido capitalista Julio Conceição, assá-



CAUTERIOS

XX
Dizem que ha mil e tantos annos, No alto seixo do Calvario, Sem um queixar, cheio de enganos, Um pobre louco, um visionario, Morreu na cruz, com o intuito santo De redimir a humanidade Da eterna dor, do eterno pranto — Condennação da divindade!

E o Redemptor da terra ingrata Morreu, deixando a aurea missão A um pescador, um apostata Da enfiço reinante religião.

E desde então — doida ironia! — Pedro, o mais ruim dos pescadores, Deu-se a pescar, com bazarria, Em vez de peixes — peccadores.

A sua rede, de fina teia, No mar do mundo prodigios fez. Mas quando a barca viu bem cheia Scismou consigo sós, talvez,

P'lo santo espirito inspirado: Que faço disto, ó bom Judeu? Toca a vender um bom bocacão Que outro bocacão esfolo eu...

E o pescador tocou p'ra terra, Por em leilão a peixaria Os reis então fizeram guerra Para a disputa da iguaria...

Mas o velhaco, o bom peixeiro Logo a contenda decidiu: Com um alto tino financeiro O peixe entre elles dividia...

Deram-lhe então, num só transporte, Lanças, espadas e canhões, E o pescador tornou-se forte, Tornou-se o chefe das nações...

Mas fascinado da grandeza Tanto esfolou o seu pescado, Que elle mudou-se, de surpresa, De nédio em fraco, escanfiado.

Pedro lembrou-se então da rede, Do tempo em que era pescador; E quiz voltar ao mar, com séde Doutra colheita de valor...

Porém a rede decantada Era de trapos um montão. — Estava ha muito abandonada Num canto escuro do porto...

E o mofo, a traga, a ratazana, — O dogma, o oiro, o clero, o vicio, Daquelle rede soberana Nada deixaram que um resquicio!

O pescador, o desgraçado, Vive sua rede a concertar; E cose e sirge com cuidado, Quer ir ao mar, quer ir pescar...

Mas tudo cuidado, vã fadiga Um traste podre recompor! A celebrada rede antiga E' pó, mais usada que um bolór!...

Beato da SILVA.

hechido pelas suas ideias liberais.

A viagem, na Serra, foi-lhe fadada em «break» para poder apreciar as suas bellezas. No topo da Serra foram-lhe offerecidas diversos ramalhetes de flores, e meninas idas daqui.

Em Ribeirão Pires, os operários foram saudados na estação acompanhados de uma banda de musica.

A estação do Braz, foram es-ta-representantes do Grande Oriente Estadual, das lojas «Orion e Progresso», «Roma» e outras sociedades e muitas pes-sas.

Na Luz, além de grande nu-mero de admiradores, notámos representantes da Liga Anticlerical, Liga dos Pedreiros e outras sociedades operarias, Associação feminina, etc.

A sra. Belén Sárraga que hos-dou-se no Hotel Roma, partiu o rapido de segunda-feira para Rio.

Ficará uns dez dias na Capital federal, devendo estar de volta a Paulo em 23 ou 24 do cor-te. Aqui realizará tres con-ciencias.

Na sua chegada a esta capital elle-á feita uma manifestação. A organiza-la, já se realizaram as reuniões na Associação do Livre Pensamento, á rua José Nifacio, 17.

Do Pais, de terça-feira, trans-vemos o seguinte sobre a il-lustre propagandista do livre-pensamento:

«Chegou hontem de S. Paulo, em companhia do jornalista sr. Barnabé, a illustre sra. Belén Sárraga, que na Hespanha, sua patria, e em varios paizes da Europa e da America, tem fei-to seu nome admirado como es-criptor, jornalista e conferen-ciaria.

O rapido paulista — atrazado de uma hora — foi espera-do por grande numero de com-panhas de sociedades do livre-pensamento, de jornalistas, estu-dantes e outras pessoas, todos rejosos de saudar a sra. Sárraga, que far-se-á ouvir nesta ca-pital em varias conferencias.

Ao saltar do comboio foi s. cumprimentada pelos presen-tes então tiradas varias pho-tographias.

Dahí, da estação Central, se-ram todos de automovel até o Hotel Metropole, onde se hos-peda a sra. Sárraga.

Em nome do Grande Oriente Brasil esteve presente uma comissão, composta dos srs. Ni-tilo Alloti, Honorio do Prado, Carlos Duarte, Ernesto Ferreira Tobias P. da Rocha, por parte das lojas maçonicas do Rio Gran-do-Sul.

Uma figura interessantissima, de typo intellectual que desperta maior curiosidade, é de certo a impressionadora filha da Hespanha que o Rio de Janeiro apeda desde hontem — Belén Sárraga, que vem percorrendo os paizes como portadora do grito sinino pela liberdade de pen-samento.

O Anjo da Revolução denomi-na-se Ferri, na occasião em que, quando parte no Congresso do Livre Pensamento, effectuado em maio no anno de 1904, fez va-rios seus altos meritos de ora-dora, a sua vasta e notavel cul-tura, a sua organização de lucta-ra indomavel, convincente, fas-tante e maravilhosa.

Alías, não ha quem tenha visto photographia singela da extraordi-naria propagandista, sem alimentar de logo o desejo de conhecel-a, ouviu-lhe a palavra, de sabo-r, e a emissão do pensamento, que é, a maior conquista do homem sobre a terra, conqui-stas tantas vezes feita e tantas vezes ludibriada, quando não pelos cerros e pelas religiões, pelos conceitos de educação que da prendem os povos da terra.

Belén é mulher, mulher intelli-gente e de aspecto attraheentis-simo, cuja coragem intellectual, cu-arrorjo de propagandista está afirmando o nosso meio, quebran-tando a sua monotonia e indifferen-ça as questões philosophicas, con-me o tem feito já no seu paiz em varias outras sociedades, e o mais brilhante triumpho.

Em pleno vigor da idade, com tanta e poucos annos, Belén che-ga ao Brazil no momento em que procura libertar um pouco o animo publico das suas cadeias; momento em que o nosso paiz o laborioso curso de um pro-cesso interminavel sobre os cri-mes de um orfanato, fechado á

luz da justiça exactamente pela força atavica do respeito feticicho aos que se servem de uma cren-ça religiosa para gozar da impu-nidade. As sociedades occidentaes, as sociedades latinas, sobretudo, soffrem os mesmos males que a eminente conferencista vem profi-gando no desempenho do seu nobre apostolado.

Bem haja a grande oradora e propagandista do livre pensamen-to. A sua palavra não deixará de ecoar com muita sympathia, aqui como em toda parte, onde a sua qualidade de mulher é um estí-mulo aos que esmorecem na lucta, como se bastasse a emancipação politica que escrevemos na carta constitucional. Aqui como em toda parte temos ainda muitas muralhas a derrubar, não para oppri-mir, mas para desopprimir, des-tralando a bandeira da liberdade nas consciencias adormecidas.

Tudo, pois, nos convida a ir ouvir com anciedade, curiosidade e sympathia essa bella voz libe-rtadora, pendente dos labios infla-mados da intellectual gentil que nos visita sob o nome já victo-rioso de Belén Sárraga.»

No Rio, o Grande Oriente da Maçonaria Brasileira, em sessão aberta, recebeu terça-feira solem-nemente a sra. Sárraga.

Da nossa sympathica collega *Gazeta da Tarde* transcrevemos a seguinte noticia sobre essa ses-são:

«A grande oradora hespanhola chegou ao glorioso templo da rua do Lavradio, ás 8 1/2 horas da noite, acompanhada pelos Srs. Dr. Moreira Guimarães e José Carlos Duarte, que foram busca-la no Hotel Metropole, nas Laranjeiras, onde está hospedada a illustre jo-rnalista e livre-pensadora.

A's 9 horas da noite, a Sra. Belén deu inicio á sua conferencia, e assim, durante o espaço de uma hora, a vibrante oradora prendeu a attenção do auditorio de escol-que a ouvia debaixo de freneticos applausos.

A sessão era presidida pelo Dr. Lauro Sodré, grão-mestre da Maçonaria Brasileira, e a ella com parecerem inumeras senhoras, senhoritas e membros daquella prestigiosa corporação.

Belén Sárraga, na tribuna do Grande Oriente da Maçonaria, no seu arrebatador discurso de hontem, sustentou, com esperado brilho, as adiantadas ideias de que se fez portadora a notavel sociologa hespanhola.

A's 10 1/2 da noite teve fim a solennissima sessão do Grande Oriente da Maçonaria Brasileira, e nessa occasião o sr. Carlos Duarte, no lindo idioma da terra de Belén Sárraga, fez um enthu-siastico discurso de agradeci-mento á notavel livre-pensadora, pelo seu comparecimento áquella sociedade, que já lhe deve os melhores serviços.

Belén Sárraga deixou no Gran-de Oriente á melhor das im-pressões e, quando dali se reti-rou, foi até a porta do edificio acompanhada pelo dr. Lauro Sodré e outros membros da maçonaria.»

O elemento liberal de S. Paulo pretende fazer um acolhimento carinhoso á illustre escriptora e oradora, por occasião de sua che-gada a esta capital. Para esse fim foi constituída uma comissão de recepção, que até agora conta já com a adhesão dos srs. Antonio Moreira da Silva, Armando Prado, Raul Silva, d. Giuseppe Stefano Bertacchi, d. Thereza Rocchi, Everardo Dias e Antonio Acunha.

Foram consultadas mais algu-mas personalidades accentuada-mente liberas do nosso meio so-cial, que ainda não responderam.

Os membros da comissão que até agora adheriram, já se têm reunido tratando de diversos pon-tos referentes ao acolhimento da-quella notavel escriptora hespanhola. Para esse fim resolveram officiar a diversas associações libe-beras e escrever para diversos pontos deste Estado sobre a ida-daquellas localidades de Belén Sárraga, para realizar conferencias.

Para terça-feira está marca-da uma reunião de todas as lojas maçonicas na sede do Grande Oriente Estadual para se resolver sobre o modo mais acertado e condigno de receber a festejada oradora e membro saliente dessa instituição.

Que se prepare o povo liberal de S. Paulo para receber festiva-

mente a nossa illustrada correli-gionaria Belén Sárraga de Ferro-ro, no seu regresso do Rio!

E' preciso que a chegada nesta capital da insigne pensadora não passe despercebida, como não passou no Rio, onde Belén de Sárraga foi acolhida festivamente. Acolhemo-la tambem com vivas e applausos! Façamos sentir á estrenua propagandista do Livre Pensamento que neste recanto da America tambem se pensa, tambem são acceitas as beneficas ideias que propaga com a sua palavra brilhante e sugges-tionadora!

Liberaes de S. Paulo, não deixai de concorrer á recepção da-quella que tanto tem feito pelo progresso da humanidade e que nos vem honrar com a sua pala-vra intelligente!

Nova inquisição

A policia, sempre a policia barbara e assassina!

Noticiámos em o nosso numero 79 a prisão em solitaria, por 25 dias, do cabo da força publica Manoel Antonio de Brito, que teve a audacia de perguntar onde está Idalina? ao enviado que o arcebispo mandou encomendar o cadaver do soldado morto no conflicto provocado pela policia no dia 12 do mez p. passado. Este corajoso cabo, que por doente se achava no hospital militar, foi immediatamente rebaixado da sua graduação e levado á solitaria onde expiou o seu «crime» durante vinte e cinco dias. Mas a barbaridade de atirar um pobre doente para um cubiculo infecto, sem ar e sem luz, não contentou a sanha perversa da inquisição desta terra. Era preciso um correctivo mais energico. E assim foi que o corajoso cabo, velho soldado ha annos captivo da severa disciplina militar, sem uma nodoa na sua fé de officio, cum-pridos os vinte e cinco dias de prisão, foi eliminado, por indigno, das fileiras dirigidas por monsenhor W. Luiz e conego Baptista da Luz! De nada valeram ao cabo Manoel Antonio de Brito os seus antecedentes! Aquella pergunta fatidica, horrivel, diabólica tornou-o indigno de perfilar-se ás ordens da corja clerical que pelo caminho do céo conduz a policia de S. Paulo.

O ex-cabo Manoel Antonio de Brito veio á nossa redacção e mostrou-nos a sua baixa. A fé de officio lhe foi negada pela policia...

Temos recebido diversas cartas de ex-camaradas do cabo expul-so, todas verberando com indignação a arbitrariedade de que foi victima Manoel Antonio de Brito.

Os jornaes ha dias narraram um pequeno desastre: Um dos guardas da rua Quinze fóra colhido por um bonde e bastante machucado, no momento em que fazia continencia a um dos instructores francezes da força publica. Mas os jornaes occultaram, alguns por ignorarem o facto, outros por conveniencia, que o referido guarda foi condemnado immediatamente, pelo official fran-ces, a vinte e cinco dias de solitaria, castigo ao crime de ser arrastado e contundido por um bonde, no momento psychologico em que fazia continencia a um seu superior. E o pobre soldado, depois da alta do hospital onde foi recolhido, baixará á prisão.

O cumulo das barbaridades! Se o guarda, reparado no bon-de, deixasse de fazer a continencia ao seu superior, a quantos dias de solitaria seria condemnado?

Preso por ter cão, preso por não ter cão...

Queremos o processo!

Os «masculos estabulados» do Orfanato sinistro andavam alardeando que nos processariam logo que fosse encerrado o inquerito policial sobre as accusações que lhes fizemos.

Pois bem, foi encerrado o de-cantado inquerito, veiu á luz o aborto da montanha, e nós conti-nuamos a flunar pelas ruas da capital, por todo o Brasil, sem que appareça o terrível papão — o processo! Que venha, já não é sem tempo, o espantalho que acenavam ao longe, pretendendo antolhar o nosso caminho!

Queremos o processo!

Balas de... chocolate

O diabolico telegrapho nos trans-mittiu ha dias o seguinte des-pacho:

RIO. — O padre Francisco Jardim, que ha tempos attentou contra a vida do vigario de Villa Isabel, raptou a mulher do sacristão daquela parochia, Manuel Baptista, roubando-o tambem em 1:366\$.

Manuel Baptista apresentou queixa á policia, que procede a activas diligencias para a captura do padre.

Um hereje esse sacristão de Villa Isabel!

Em vez de ter corrido á policia com as algibeiras a voar e coçando a excrecencia cornea da testa, tantas vezes regada a agua benta, deveria ter corrido a igreja e ca-hido de joelhos — ou de quatro, como mais commodo lhe fosse — e agradecido ao bom Deus que, o livrando da mulher, premiava-o das ládaihas e do incenso soprados por elle sacristão. Mas o Manel Baptista é um hereje ou então é muito besta, muito obtuso mesmo! Foi queixar-se ao meritissimo christão dr. Belisario Tavora. Não sa-bemos a ca a com que foi recebido, porém um diabinho verde, nosso indiscreto reporter, trouxe-nos, todo ancho com o furo dado aos colle-gas, o dialogo que houve entre o corneo sacrista e o pio chefe de policia da capital da Republica. Gloria ao nosso diabinho verde!

A entrada do Baptista Manel o dr. Belisario diz uma ave-maria, persigna-se e interroga:

— Em nome de Deus, como se chama o sr.?

— Manoel Baptista, p'ra servi-v. revma.

— V. exa., deve dizer. Não tenho a ventura de ser um santo padre. (*Suspira*).

— Discurpe. E' qui eu tou muito custumado a lida c'os padre...

— A sua profissão?

— Sacristão, sim sinhô.

— Muito bem, muito bem. O vigario manda pedir alguma es-mola?

— Só vigario, só dotô, foi sim-bora co'a Fortunata (*Coxa a testa*) e levou o meu pé de meia. (*Apal-pa as algibeiras*).

— Que diz, que heresia é esta?

— E' verdade. Eu gostava muito de só vigaro, só vigaro gostava muito da muiê. Eu não desconfiava porque elle era só vigaro. Agora hoje só vigaro fugiu co'a Fortunata e levou o dinheiro das gorjetas dos baptizado e dos casamento que eu tava guardando. (*Chora*).

Nesse ponto o nosso diabinho verde, commovido com as lagrimas de saudade do Manoel Baptista, deixou de apanhar textualmente as palavras do chefe. Mas recorda-se de que o dr. chefe falou com ardor e eloquencia demonstrando ao choroso sacrista a heresia, a falsidade de suas supposições. Não, não podia ser. O virtuoso padre de Villa Isabel era incapaz de roubar a mulher do seu dedicado sacristão e levar-lhe de quebra as economias ganhas a força de latinorio e de incenso. Não. Se desappareceu com a mulher e com o dinheiro do Manel, tinha a certeza, era para bem do sacristão. Manoel Baptista era peccador, tinha culpazinhas que lhe maculavam a alma, era além de tudo amigo da pinga. O vigario era muito amigo do seu dedicado auxiliar. Que havia de fazer para limpar-lhe a alma e tira-lo da mancebia com a branca? Combina com a Fortu-nata, que sendo mulher de sacristão era amiga do vigario e muito devota, para ambos penitenciarem para salvação daquella alma peccadora. E foram certamente para alguma thebaida mystica orarem e penitenciarem em commun para obra tão piedosa como era a salvação duma alma que se perdia no cháos do peccado.

Ahi o Manoel, mais consolado já com as palavras apostolicas de S. Belisario Tavora, atalhou que nesse caso elles não precisavam de dinheiro para rezas e penitencias.

— Como o espirito maligno te oblitera o espirito, filho! Inspirados por Deus (*Bense se*) lavaram o teu dinheiro para que com elle não te entregasses aos vicios e ás libações ateoiclicas! Socegue, vá rezar dan-do graças a Deus por teres quem cuide da tua alma!... O vigario e a tua mulher, depois de limpas as tuas culpas, hão de voltar. Em nome de Deus, vá em paz.

E o Manoel Baptista, limpando os olhos mas já aliviado das duvidas atrozes que lhe mortificavam a mente, foi-se todo esperançado com a ideia do proximo regresso dos pombos fugitivos — ou melhor — com a volta do seu rico dinhei-rinho, que com a Fortunata e o

seu vigario pouco importava elle. Não faltam mulheres e não faltam vigarios para um sacristão neste Brasil tão fadado por Deus!...

Recemos perder o nosso bom amigo, o diabinho verde! Com-movido com as lagrimas do afor-tunado Manoel e com a divina elo-quencia do pio chefe de policia do districto federal, aqua elle agora todo macambusi com este grave problema a resolver: Não sabe se se faz um vigario de Villa Isabel ou um sacristão Manoel Baptista..

Um dente da veneravel bocca do venerando padre Faustino ainda continúa doendo e mortifican-do-o mais do que a *Lanterna* com toda a satanica companhia de publicações anticlericæes.

Um martyr, já não resta duvi-da, esse padre Faustino!

Agora que se ia fazer luz, des-vendar todas as intamias assacadas contra o Orfanato com a acareação do reverendo e o meino Socrates, é que ao padre Consoni vem essa terrivel dôr de dentes que o priva de comparecer á policia!

O Deus misericordioso, tende piedade do vosso pobre servidor, que tanto mortificaes, que tanto tem soffrido com religiosa resignação! Curae-lhe a dor de dentes para que elle, na acareação do meino Socrates, derrube todo o castello de calumnias construido contra o Orfanato!

A proposito, trouxe-nos o nosso incançavel diabinho verde uma reportagem do Orfanato. Ali foi chama-do ha dias um medico para curar a dôr de dentes do martyr do Ypiranga. Depois de examinar com religiosa attenção as dentuças podres, perdão! os sagrados denti-nhos do Faustino, disse-lhe:

— Vou applicar-lhe uns cautérios...

Padre Faustino deu um grito e desmaiou. Pensou certamente no Beato da Silva.

BIERRE.

Al de vós, clérigos e devotos!

Havia no templo uma cerimonia — e grande concurso de povo, de clérigos e de devotos.

— Alguém perguntou-lhe: — «Que ha de ser destes?» — Elle respondeu: — «Que sei eu? Mas elles têm muito que temer.»

«Porque desse dia está dito a proposito delles: — O miserere passou, os Sinos de Morte calam-se.»

Mas o servidor do templo, ouvindo-o, gritou: — «Este homem bi-síema! Afaste-se d'aqui!»

E juntou-se uma turba de clérigos e de devotos — que queriam expulsão do adro.

Mas elle disse-lhes: — «Al de vós, clérigos e devotos, que fechalos ao povo o paraíso terrestre — que nelle não entras nem deixas entrar os outros.»

«Al de vós, clérigos e devotos, sepulchros caiados, que pareceis limpos por fora — mas cujo interior está cheio de vermes e podridão.»

«Al de vós, clérigos e devotos, que remexeis mares e terras para fazer convertidos — e que os tornais dez vezes mais perversos do que vós proprios.»

«Al de vós, clérigos e devotos, que devorais os haveres das viuvas e dos orfãos — sob a capa de preces e de obras piis.»

«Al de vós, clérigos e devotos, que pré-gais a pobreza e a abstinencia — e amontais riquezas, e sois avidos de honras e de poder!»

(Do Evangelho da Hora)

O padre: eis o inimigo!

Olha o Bourroul!

Tremei, herejes! mestre Bourroul vai fazer uma conferencia sob o thema: «Onde está Idalina?» Agora, já não resta duvida, vai tudo raso! Vai falar o tabaqueiro mestre de direito, as calumnias contra o santo Orfanato cahirão por terra, Idalina apparecerá em carne e osso... A providencia divina vai falar pela bocca do filho dum judeu renegado de Nice!

Tremei tambem, vós estrangeiros e anarchistas que intelicetas esta terra com as vossas ideias de liberdade! Não sereis tambem pou-pados pela palavra fulminante do ultramontano juriconsulto! Vai elle demonstrar a influencia nefasta da «infiltração do cosmopolitismo odiento e sectario na America Latina!» Vai elle incitar «a reacção urgente na imprensa, na tribuna, na praça publica!»

Al! de vós que não tivestes a ventura de nascer neste abençoado torrão de Santa Cruz ou de serdes domados pelo clero jacobino como o foi o illustre conferencista, natu-ral de França, rebento christão dum judeu renegado!...

Attenção! que vai começar a inana!

Pelas publicações

Evangelho da Hora, opusculo de 32 páginas, edição dos grupos «Aurora» e «Libertas», S. Paulo, 1911.

Quantas interpretações não têm soffrido os Evangelhos! Quantas discussões, divergencias e contendas sangrentas! Quantas interpolações, torceduras interessadas e versões!...

Modernamente ainda, Christo e os Evan-gelhos professam todas as opiniões, adhe-rem a todos os partidos, são pendão de todos os exercitos... Em todas as escolas doutrinarias modernas, Christo é repellido por uns, reivindicado por outros — se não como pessoa real, ao menos como sym-bolo figurativo, largamente divulgado. Uns de boamente lhe abandonam o macerado cadaver aos corvos vorazes do christia-nismo official, e o consideram propheta da morte e da resignação; outros lhe recla-mam a personalidade symbolica, como re-volucionario, pregador de justiça e annun-ciador dos novos tempos... Para uns, o «reino dos ceus» é a chimerica recom-pensa dos «humildes», synonymo de vis; para outros, é a sociedade de iguaes, onde os primeiros serão os «humildes», equiva-lente de opprimidos.

Como interpretação libertaria dos Evan-gelhos é famosa e de todos conhecida a de Tolstoi: baseado nos Evangelhos, o grande apostolo idealista condemna a do-minação politica dos governos, a proprie-dade individual da terra, o dinheiro, as Igrejas... E mais recentemente, ha cerca de 10 annos, os francezes E. Armand e Maria Rugei fizeram um novo ensaio de christianismo libertario, mais racional e menos mystico que o tolstoiismo.

Com o *Evangelho da Hora*, que tenho a felicidade de apresentar, nada disso se dá. Não é uma interpretação. Não é uma pa-rodia. Não é mesmo uma paraphrase.

Dos Evangelhos pouco mais conserva do que a forma ao mesmo tempo emphatica e simples, grandiosa e singela, altisonante e modesta, figurada e limpida... Tudo o que é excrecencia ingenua ou interesseira, falsificação de impostores, collaboração de fanaticos, devaneio mystico ou temor de opprimidos, joio da ignorancia ou flor silvestre da época, incertezas de rusticos ou precaução de timoratos, desgaste dos annos, tudo isso é banido. Se restam algu-mas justas e claras ideias evangelicas, sempre verdes, eternamente jovens, fundo constante de todos os universaes clamores humanos, se subsistem essas figuras de impercível belleza — ellas são despidas de roupagens illusorias e vêm juntar-se-lhes outras suscitadas pelos novos tempos, pelas novas necessidades, pelas modernas aspirações, filhas e herdeiras legitimadas primeiras...

E já não são vagas e timidas allusões a um reino collocado fora da terra, além da vida; mas o annuncio categorico da hora do ajuste de contas, imagens transparentes, symetrias harmonicas, fórmulas claras e precisas, caminhos seguramente traçados, estações firmemente apontadas. As cons-trucções não se elevam sobre as nuvens, nem ao toque de archangelicas trombetas; e proprio povo marcará a hora e edificará com suas mãos robustas, sobre esta boa e fecunda terra-mãe, laboriosamente e em regozijo, a cidade nova de bem-estar ter-restre — de cada um segundo as suas ne-cessidades; paz na terra aos homens de boa vontade!...

E' muito em poucas paginas; mas ha grossos volumes que embaralham em vez de explicar; assim como ha phrases que valem longas exposições e finas e limpidas essencias que são contidas em frascos di-minutos... Do *Evangelho da Hora* lastima-se a brevidade, não porque seja uma obra truncada, mas porque se quereria prolon-gar indefinidamente o delcete que nos proporciona a harmoniosa belleza da forma e das ideias. As obras primas não se medem aos palmos...

E este magro opusculo é uma obra prima. Ainda bem que não sou crítico pro-fissional, nem me desmorlizei em perpétuos elogios á direita e á esquerda!...

NENO VASCO.

Provação clerical

Os clericæes de S. Paulo, depois da descoberta da indigna mystifi-cação em que tomou parte notavel a menina Maria Magdalena, per-deram a cabeça e ameaçam agora. Batidos em toda a linha, frustran-do-se-lhe a tentativa de conseguir o silencio em torno do tenebroso caso Idalina, esperam pela força obtela. E' o que se deduz de uma noticia de S. Paulo, publica-da no *Correio da Manhã* (Rio), em 10 do corrente.

Embora favoravel aos padres do Orfanato, o autor reconhece que a pergunta: «Onde está Idalina?» é irrespondivel; nem pôde deixar de confessar a ignobil farça da sup-posta Idalina. Perguntamos agora se já se abriu inquerito a respeito da repugnante comedia; no caso negativo, porque não se faz?

Temos o dever de exigir esta inquerito. Quicá, por meio delle, se obtenha a solução do mysterioso caso.

Quaes são os autores da triste comedia? Esta pergunta, papita-nos, ficará sem resposta.

Oralá nos enganemos.

Insiste-se ainda na historia da herança. Pela nossa honra! Toma-mos parte no complicado caso da desaparição de Idalina, levados unica e exclusivamente pelo nos-o amor a verdade e a justiça.

Nenhum mobil interesseiro nos guia a penna. Se interviemos no caso, contra os padres do Orfana-to, é porque, tendo acompanhado a questão desde o seu inicio, nos pareceu que os anticlericæes se batiam pela verdade. Pois bem!

Prometemos retirar-nos da luta se ficar provado irrefutavelmente: 1.º que Idalina recebeu alguma herança, 2.º que o desaparecimento da menina coincidiu com esta herança. E' preciso que isso fique demonstrado irrefutavelmente, repelimos.

Não basta allegar... Não basta dizer que o testamento se acha em varios cartorios de S. Paulo. E' preciso *provar*, com certidão, ou outro qualquer meio de prova, a existencia desse testamento. Provado o que desejamos, nós abandonaremos a liça.

Nossa falta não será sentida, bem o sabemos. Em todo o caso, é um adversario que os clericos conseguirão pôr fóra de combate. Mas, se são verdadeiras as allegações dos defensores de Consoni, porque motivo, em vez de appellar para a justiça, em vez de conseguir para a condemnação dos que caluniam e cobrem de doestos o reverendo director do Orfanato Colombo, conforme dizem, porque motivo em vez de desaggravar pela justiça o padre Consoni, os clericos assumem attitude ameaçadora e appellam para a força, para o desforço physico? Se padre Consoni é innocente, que prove sua innocencia; se, pelo contrario, é culpado, que soffra o castigo de seu crime.

Os indícios accusam o director do Orfanato. Mas sabemos que, muitas vezes, circumstancias varias concorrem para inculpar determinado individuo. Assim pôde ser que Consoni seja innocente...

Não é, porém, com méras allegações, como v. g. dizer, "elle é um santo" ou ainda "tudo isso não passa de machinações maçônica e anarchistas", ou então contar uma historia de herança e testamento, que como Idalina e a phantastica Maria Luiza ou Italia Fontes, não apparecem, que se defende o padre Consoni.

Pôde ser que Consoni seja innocente... Mas não é com ferros e bravezas que se lhe prova a innocencia.

Pôde ser que Consoni seja innocente... Mas não é assaltando e destruindo os jornaes que o atacam que se demonstra a innocencia delle.

Pôde ser que Consoni seja innocente... Já tem advogado e o escolhido é um dos mais distinctos de S. Paulo, o dr. Gama Cerqueira; porque á luz meridiana não processa os que, conforme diz, lhe assacam calumnias e injurias?

O nome de Consoni tem sido enlameado. Pois bem, perante a justiça prove que é innocente.

Pôde ser que Consoni seja innocente... Mas não é com aggressões e ataques a jornalistas, seus inimigos, que os partidarios do reverendo conseguirão provar a sua innocencia... Pelo contrario. Esses meios violentos só augmentarão as desconfianças e suspeitas que pairam sinistramente sobre o Orfanato.

Se padre Consoni é innocente prove a sua innocencia; se culpado, soffra o castigo merecido pelo seu crime, porque a sotaina do sacerdote não pôde servir de garantia de impunidade a um delicto monstruoso.

EDUARDO VITAL.

A falsa Idalina

A despeito de se haver verificado a falsidade da joia que queriam fazer passar pela verdadeira Idalina, continuam os clericos a ter guardada no escrinio do sr. José Costa a celebre Maria Magdalena. Não a querem entregar nem a pau. Pudera! Aquella prenda muito os pôde comprometter cá fóra.

Guardam-na, pois, com religioso cuidado, com avareza até. Não, que se os ladrões dos anti-clericos deitarem-lhe a mão, adeus preciosidade que tantas aegrias e tantas desillusões causou! Mas aquillo é uma recordação, uma lembrança de dias felizes... Seria uma crueldade sem nome tirar-lhes aquelle consolo... Deixemos-lhes, pois, aos vencidos, o garboso trophéo duma victoria em que tanto se empenharam... e que apenas durou meia duzia de dias...

Entretanto, cá fóra os desgraçados pais da pequena comediante definham pela grande dor de lhes terem roubado a filha querida.

Infamia!

Gentileza

O nosso estimavel collega a *Gazeta da Tarde*, do Rio, transcreveu os CAUTERIOS do nosso penultimo numero. O Beato da Silva agradece.

Registemos...

Falar sobre a parcialidade da policia no caso Idalina é coisa desnecessaria; já está manifesta aos olhos de toda a gente. Sómente, portanto, vamos registando nestas columnas as immoralidades mais escandalosas para que as julgue a posteridade. No numero dessas immoralidades policiescas está em frisante relevo esta que aqui exaramos: — Até hoje não foi acreado com o padre Faustino o menino Socrates, irmão de Idalina, de cujo primeiro depoimento, já por elle derruido em ultiores declarações em que affirma ter sido coagido pelos paes do Orfanato, faz a policia e os defensores dos assassinos do Ypiranga o seu cavallo de batalha. Para que com a acreação, que alguma luz havia de trazer ao caso, não percam os culpados a unica defesa que lhes resta, pcrsiste o padre Faustino com uma terrivel dôr de dentes, que o não deixa comparecer á policia. No emtanto vai a outros logares.

O bacharel Arthur Xavier (vulgo Pinheiro e Prado), antes que a dôr de dentes do Consoni cessasse, deu-se pressa em encerrar o inquerito aberto sobre o caso. E deixou de lado escandalosamente, para que não calissem mais uma escapula dos bandidos do Ypiranga, o ultimo depoimento do irmão de Idalina, o qual inutiliza por completo o primeiro feito debaixo dos olhares suggestionadores de quem o havia obrigado a mentir.

O bacharel Arthur Xavier só encaixou no seu ridiculo relatório as declarações e os argumentos arranjados para defesa dos criminosos.

E' de esperar-se que não haja a acreação referida visto que o sr. Domingos Stamato não poderá aqui conservar-se sempre ás ordens da policia. Se esta respeitavel matrona tivesse interesse em desvendar o tão debatido caso não accitaria a simples excusa dada pelo padre Faustino. Exigiria, pelo menos, um atestado medico que provasse estar impossibilitado para fazer declarações num inquerito urgente como o de que tratamos.

No caso de ser real a doença do accusado, então deveria ser acreado com Socrates o padre Capelli, o bôde expiatorio que, dizem, estava á frente do Orfanato quando de lá foi retirada Idalina. Nada disso foi feito, e o inquerito, producto irrisorio do parto laborioso do liliputiano cerebro do bacharel Arthur Xavier, foi encerrado sem conter as importantes revelações que se devia esperar da acreação de Socrates com o padre Faustino ou com o reverendo Capelli.

E é assim que se faz justiça nesta terra...

Fernando Bondad

Falleceu no dia 13 de dezembro do anno passado, na cidade de Santiago, capital da Galliza, Hespanha, o nosso bom e saudoso amigo Fernando Bondad Rosado.

O operariado brasileiro, e principalmente o do Rio de Janeiro, perde com esse acontecimento inevitavel um dos seus melhores amigos e defensores, pois Fernando foi um dos poucos que, pelo seu caracter, sinceridade e convicções, representava alguma cousa de valor no movimento syndicalista e revolucionario.

Fructo bom e sadio da Escola Moderna do pranteado Ferrer, Bondad foi um libertario que sabia ser ao mesmo tempo tolerante, intransigente e intrepido, não medindo sacrificios nem perigos na luta em que viveu, enquanto teve saúde, pela causa dos trabalhadores.

Para dar uma prova do que afirmamos, basta referir a sua attitude no 1.º Congresso Operario Brasileiro. Do qual foi uma das figuras de maior destaque. Na occasião de discutir-se a possibilidade de se admitir nos syndicos os operários que exercessem funções de mando sobre os seus companheiros, Bondad, que então era contra-meestre na alfaiataria "Torre Eiffel", foi o primeiro que pediu a palavra e combateu com enthusiasmo a tendencia do Congresso a permitir a taes operarios a entrada como socios nos syndicos.

E, quando terminada a discussão annunciou-se a votação e verificou-se o seu resultado, era bello de ver-se o pezar com que Bondad se despedia dos seus representantes, garantindo-lhes com a voz tremula e as lagrimas nos olhos que, apesar de sua posição na officina, continuaria na propaganda, empregando todos os seus esforços em prol da organização dos syndicos.

Uma ruidosa salva de palmas ecoou no salão do Congresso, abafando as soluços entrecortados de Bondad.

Envargadura de ago, temperada ao fogo crepitante e purificador das ideias libertarias, Bondad só começou a ter vagamente ideia do descanço no regaço da familia no dia em que a tuberculose o prendeu despididamente ao leito do soffrimento. Quem o visse na rua, com a sua fraca complexão, não acreditaria que o seu espirito fosse tão forte e tão grande que pudesse dividir-se para attender a tantas

preoccupações e deveres sociaes. E' que Bondad, naquella combustão vulcanica de energias, naquelle dispendio intenso e anhelante de forças, agia fortemente impulsionado pelo poder comburente da ideia.

Apezar de estolar-se durante o dia num ambiente sem luz e sem ar, preso numa officina desde ás 7 da manhã ás 7 da noite, o finado não encontrava difficuldade para nada, e podia registrar-se, como um acontecimento notavel na sua vida conjugal, o dia em que elle e a sua companheira se recolhiam antes da meia noite em busca de repouso. O pouco tempo que tinha após a luta pelo pão de cada dia chegava-lhe para tudo. Comparcia a reuniões, assistia a comicios, era amador de dois grupos dramaticos e ainda achava o-casião de estudar a fundo a questão social, pois era difficil ver o Bondad sem um livro novo na mão.

Dissemos que elle só achou descanço quando foi chamado a soffrer e mentimos, porque a verdade é que elle lutou contra o inimigo, e com a mesma inteireza do estranho Floreal de Urales, até o momento de exalar o ultimo suspiro. Provam-no as palavras de Benito Malvarez, que abaixo traduzimos e que encontramos na *Tierra Gallega* de 16 de dezembro do anno passado. Leiam os leitores e vejam de quanta infamia são capazes os miseraveis que se escondem sob as negras sotainas:

«A campanha de saneamento das consciencias, empreendida na Roma gallega por um grupo de rebeldes entusiastas, começa a produzir os seus fructos. Virificou-se ali ante-hontem, ás proprias portas do palacio do Arcebispo, centro de toda intransigencia e de todo egoismo, um enterro civil, o primeiro, que sabemos, que regista aquelle povo ainda embuçado nas capas hypocritas com que o clericalismo esconde as suas ansias de liberdade e de redempção.

«Ha pouco — diz-nos um estimado amigo, Benito Malvarez, noticiando o referido acto — regressou do Brasil á procura de descanço para o corpo, rendido pelas fadigas de um trabalho honrado e perseverante, um homem a quem acabamos de pagar o ultimo tributo: D. Fernando Bondad Rosado, moço de 34 annos, natural de Santiago e consequente livre pensador.

Os elementos retrogradados desta cidade não perderam meios para mortifica-lo, assediando-o com visitas e exhortações. Ante tal situação, a hoje viuva Bondad, d. Dolores Roca, apresentou-se em Santiago, e com uma intezeza que honra a ordenou que se respeitasse a vontade de seu marido e que o deixassem morrer em paz. Assim se fez por fim e Fernando Bondad pagou o seu tributo á terra, desprezando as sacristanas ameaças com que amarguraram os seus ultimos dias.

Uma enorme multidão acompanhava o carro de primeira classe que conduzia o feretro, desafiando as inclemencias do tempo. Sobre o negro atúde viam-se duas bellas coroas, uma de porcellana, depositada pela esposa do finado, e outra de penas, dedicada pelos livres-pensadores santiagoenses. No cemiterio civil, o joven Eduardo Puente pronunciou um sentido discurso, que a multidão ouviu descoberta e com o maior respeito. O enterramento realizou-se ás 12 horas, á plena luz do dia, e não de madrugada como pretendiam os elementos clericos.

Mas não pararam ahí as infamias dos representantes da religião da morte. Quando Bondad aportou a Tuy, primeira cidade para onde se dirigia, ahí o foi incommodado o obscurantismo, forçando-o a emigrar para Arzúa, de onde ainda se viu obrigado a retirar-se para Santiago. Mas ainda nessa cidade a sua consciencia não deixou de ser atormentada pela hypocrisia jesuitica e, falta de argumentos para reconverter-lo, atiraram-lhe o ultimo golpe descarregando o peso do odio clerical sobre a sua companheira Dolores, que, na consciencia dos fanaticos, devia passar como uma heretica peor do que o marido.

Honra, pois, á companheira Dolores, a quem apresentamos a nossa solidariedade, pela sua digna attitude, com o nosso aperto de mão de consolo. Bondad teve o fim que nós todos, victimas do trabalho explorado, pioneiros da Ideia, havemos de ter inevitavelmente na presente sociedade.

Dat veniam corvis, vexat censura columbas.

ULYSSES MARTINS.

Rio, 9 — 2 — 911.

Summario de culpa

Será iniciado segunda-feira o summario de culpa dos nossos companheiros e amigos que estão implicados nos acontecimentos do memoravel dia 12 de março.

Leiam! propaguem! o

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza litteraria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E, não uma parodia, que poderia cair no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versuculos são phrases lapidarias e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço:

Um cento. 6\$000
Avulso. 200 réis

Os pedidos de folhetos acompanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Almirante Barroso n. 42, S. Paulo.

Grupos. «Aurora» e «Libertas», editores.

Bilhetes e recados

Porto Alegre — Boa Sorte: Recebemos e publicaremos.
Casa Branca — S. Nicolletto: Não temos a estampa de que nos fala.
Cravinhos — P. Marsicani: Obrigados. Bravo!
Monte Alto — A. Brito: Pode mandar pelo correio.

Lição de um russo a republicanos

TRANSCRIPÇÃO A PROPOSITO DO DIREITO DE "MEETING".

Na Grã Bretanha, o direito de reunião, a liberdade da palavra nos comicios e todas as expressões collectivas do sentimento das multidões, nas mais vastas, populosas e opulentas cidades, assumem a mais illimitada largueza. E' que não ha paiz, não ha republica nenhuma, onde a opinião publica esteja em communhão tão intima com os organos do Estado, e estes a reflectam com tão absoluta pureza, quanto naquella velha monarchia, má e modelo de todas as liberdades.

Ainda em agosto do anno passado, um ex-commissario de policia de Nova York, WILLIAM MC ADOO, encarecendo com admiração as instituições policiescas de Londres, mostrava as garantias, de que ellas circumdam esses "meetings" gigantescos de Hyde Park e Trafalgar Square, aos domingos, onde socialistas e suffragistas se abalançam ás mais delirantes invectivas contra as bases da ordem social e as leis fundamentaes do Estado, bramindo contra ellas na mais incendiaria linguagem. Todos ali vêem nesses debates da exaltação tribunicia «uma grande valvula de segurança contra o descontentamento popular e a tendencia a machinações criminosas.»

No artigo escripto a este respeito, nas columnas do "Century Magazine", por esse antigo agente do serviço de segurança nos Estados Unidos, registra elle uma circumstancia sobre todas eloquentes, a conversão de MR DE WITTE, ministro de NICOLAU II, na sua primeira tentativa de administração liberal e representante da Russia, na conferencia de Portsmouth, ás idéas britannicas sobre a liberdade sem limites de reunião e palavra. Conversando com MC ADOO, sustentava DE WITTE que, num paiz como nos Estados Unidos, ninguém deve ser preso por excessos de tribuna, antes convém abrir «amplos salões e praças, francos a quem pretenda falar sobre qualquer assumpto, com liberdade illimitada»; o que o eminente estadista russo tem por «uma condição de segurança publica a sabia administração». «O espectáculo mais notavel que nunca se lhe deparou aos olhos», diz elle, «foi em Londres, o de ver declamar um individuo ante uma turba enorme de povo excitado. A policia cercava o orador; o que evou o viajante russo a inquerir, da escolta que o rodeava, a que estava ali postada. Responderam-lhe que aquelle sujeito pronunciava um violento discurso de ataque á familia reiunante, e a policia ali se achava, afim de o proteger contra o seu auditorio.»

RUY BARBOSA.

Liga Anti-Clerical

Eis uma liga que merece o apoio de todo o homem que pensa, de todo o homem que vê no seu semelhante um irmão: expulsar, banir da sociedade esse homem que traz o nome de — padre — eis o desideratum indispensavel á confraternização dos homens, á felicidade social.

O — padre — esse ente asqueroso e vil que ri dos infelizes, que escarnece os seus semelhantes, que despreza o operario que geme sob o peso do trabalho fatigante e exhaustivo, é uma fonte inexgotavel de intrigas, de discordias, de odios que diariamente surgem ao nosso lado, e muitas vezes comnosco, dentro do nosso lar.

O — padre — é um miseravel que se deve odiar, um lixo, que é preciso varrer; enquanto elle existir são impossiveis a alegria no lar, a paz na sociedade: dir-se-ia que esse ente supremo que criou o mundo, em vingança ao muito que soffreu, jogou aos homens esse ente pernicioso e vil.

Chegou a hora de encarmos esses tartufos de frente: é tempo de começar a luta; é tempo de fechar esses antros onde campeiam livres a immoralidade, a vileza, a vergonha maior da sociedade: quemem-se os confesionarios, esses baldões do vicio, da corrupção, da deshonra; sejam fortes sempre até que possamos entoar o hymno da victoria, depois de ter calcado aos pés essa serpente enorme e nojenta que de Roma espalha a sua peçonha por todos os cantos do mundo.

E' preciso muito esforço para vencer; faça-o cada um de per

Carta aberta

Sr. redactor da *Lanterna*

Muito saudar

E' com extraordinario afincio que tenho lido, nas columnas do vosso conceituado jornal, as infamias e barbaridades praticadas pelos morgocos do Orfanato Christovam Colombo. Está patente, exuberantemente provado, que a infeliz Idalina evolou-se para sempre do sinistro Orfanato que, por desgraça, ainda occupa o nome do immortal Christovam Colombo. Em um papelucho catholico deparei, inesperadamente, com um artigo de um senhor carola, que já batido em todos os flancos pelos jornaes anti-clericos, de novo nos ataca com virulencia tão incompativel a quem busta convencer, que mais nos leva a acreditar que engana-se a si proprio, suppondo se com forças para lutar contra a Verdade. E o que fazer sinão aceitar a luva com a maior benevolencia, mormente quando a nós é atirada contestando-se nos ser Maria Magdalena a verdadeira Idalina! Emquanto não nos provar o contrario, emquanto não o fizer, ha de nos permittir que os consideremos como estupradores infames.

Aqui estarei, sr. redactor, firme, absoluto, infatigavel, para vos ajudar a combater essas aves agoierras que esvoaçam no Brasil, derramando nas cabeças dos que os acreditam uma chuva de mentiras, de infamias e de insolencias.

Aqui estarei e farei nesse ramal da Mogyana a maior propaganda que me for possível em prol da *Lanterna* — esse jornal que se bate em favor da Verdade e da Justiça.

Crêde-m'o, sr. redactor, eu vol o affirmo, que podereis contar nas fileiras sublimes de suas idéas mais um camarada para vos ajudar a repellar esse enrame fétido, immundo, que embaça e amortalha a consciencia dos ignorantes, abusando do pudor, da castidade das intellectes crianças que intelzmente se acham aos seus santos cuidados.

Se o povo brasileiro energasse através da batina: — essa capa hedionda que occulta o vicio, o terror e a hypocrisia, talvez que já não existisse nem vestigios desse Orfanato que tem como dilemna os caracteristicos de que nos fala Lombroso.

Em cada um daquelles rostos, isto é, daquellas mascaras, estão gravadas as manchas dos crimes os mais horrorosos que são os de roubar a honra e com ella a vida!

Ali é a escola do vicio e da prostituição; os infanticidios succedem-se quotidianamente através duma chuva de caricias e de beijos dos padres e das irmãs, e tudo isso vive occulto pela batina e o burel, que a policia devia perseguir com mais rigor com mais actividade do que persegue os gatunos e assassinos de profissão. Aqui estarei, sr. redactor, firme e resolute, para bradarmos contra esses arautos do embuste; aqui estarei, para perguntarmos sempre, sempre — Onde está Idalina?

Onde está Idalina????... Em terminando, com maior prazer subscrevo esta *Carta aberta*, com cujas idéas e comprovadas verdades estou accorde. Faze desta aquillo que vos convier.

Guará, (Estado de S. Paulo)

3 de março de 1911

ABILIO ANDRADE DO NASCIMENTO.



Republica de verdade

Pelo governo provisório da republica portugueza foi publicado um decreto de terminando:

«Que os parochos só poderão praticar nas igrejas e nos cemiterios;

«Que os enterros desde o dia primeiro de abril, inclusive, em diante, serão feitos sem acompanhamento de sacerdotes ou confrades e seus emblemas religiosos;

«Que nas praticas e sermões não poderá o orador alludir a questões politicas, nem os parochos poderão negar qualquer documento que por dever do officio devam mostrar ou passar quando o parochiano o exigir;

«Que é prohibido o peditorio nas ruas para missas ou confrarias. O viatico aos enfermos será com padre sem habitos talares. Nas romarias sómente é permitido aos parochos as festas religiosas nas igrejas e nos adros;

«Que é ampla a liberdade para todas as crengas religiosas, não podendo ter lugar, por forma alguma, o culto externo;

«Que nos cemiterios não poderá ser sepultado cadaver algum, desde o dia primeiro de abril, sem que o respectivo bilhete de enterroimento seja assignado pelo official do registro civil.»

D. O. R.

Demonstrações de solidariedade

Centro dos Operarios Marmoristas, Rio de Janeiro, 15 de março de 1911. Aos mui dignos camaradas da Liga Anticlerical Brasileira.

Saudações Este Centro, tendo conhecimento da agitação anticlerical que se está fazendo em S. Paulo, deliberou em sua ultima reunião dirigir-vos o presente officio, felicitando-vos pela campanha que tão util se torna.

Desejando os membros da directoria deste Centro demonstrar-vos a solidariedade moral e material a essa iniciativa, bem como o levardes ao conhecimento do povo o caso da menor Idalina, victima das aves negras no Orfanato Christovam Colombo, deliberou offerecer-vos moralmente o nosso prestio e materialmente enviar-vos, por intermedio do camarada Edgard Leuenroth, a quantia de vinte mil réis, importancia esta resultante de um rateio feito entre a directoria.

Desejamos pois a prosperidade da propaganda. Saudade e liberdade. Pela directoria, CUSTODIO COSTA, secretario.

Da associação «Jovens Poiseos» desta capital, recebemos um entusiastico officio protestando a sua solidariedade comnosco na actual emergencia. E' com muita satisfação que aqui registamos a adhesão dos «Jovens Poiseos», enviando-lhes, outrossim, o nosso agradecimento.

Mandou-nos tambem a sua adhesão o sr. Salvador Toledo Moreno, telegraphista da Companhia Mogiana na estação da Boa Sorte.

Do sr. C. M. Rocher recebemos uma vehemente carta profligando o crime do Orfanato. Deixamos de publica-la por ser ella um tanto longa e ter nos chegado já bastante tarde.

Agradecemos ao bom companheiro a declaração que fez de set solidario comnosco na campanha em que estamos empenhados.

Assignada com o pseudonymo de Nair, recebemos de Santos uma carta de solidariedade plena comnosco na campanha contra o Orfanato. Não publicamos-a pelos mesmos motivos ditos acima em relação á carta do sr. Rocher. Gratos aos decididos correspondentes

Em favor da "Lanterna"

Cheios de gratidão continuamos a registrar as listas de subscrição com que os nossos bons amigos nos têm enviado para auxiliar a Lanterna na grande luta contra a corja negra:

- Lista a cargo de Thomaz R. Santos, do Juiz de Fóra: Antonio S. Querino, 2\$. Pedro Cavalieri, 1\$. João Filotti, 1\$. Alvaro José Rodrigues, 1\$. Americo Calzavaza, 1\$. Arthur Vaz da Motta, 2\$. Biolino e Senatori, 2\$. João Sururus, 2\$. João Barra, 1\$. C. Fernandes, 1\$. José Marchette, 1\$. Antonio Celso Vieira, 1\$. Cosari Rossi, 500 rs. N. Dinelli, 500 rs. Valentin Sururus, 1\$. Andréa Toschi, 3\$. Roberto Sururus, 1\$. Cap. José Weiss, 2\$. Pedro Glanemann, 1\$. Henrique S. Sururus, 1\$. Angelo Crivellari, 2\$. Salvador Rizzo, 1\$. Vicente Maracchini, 500 rs. Henrique Kachler, 500 rs. Francisco Barroso, 500 rs. Thomaz R. Santos, 3\$. José Monachessi, 500 rs. João Lavall, 500 rs. Total, 34\$500.

- Lista a cargo de José Hernandez Martins, de Cordeiro: José Hernandez Martins, 2\$. José Malcoloni, 1\$. Pedro Guinelato, 1\$. Pedro Batistella, 2\$. Victorio Araviano, 1\$. Henrique Diaz, 1\$. Domingio Boldrin, 1\$. Dionisio Rosete, 1\$. M. Zuzart, 1\$. José Eella, 500 rs. Balilio Sanelato, 1\$. Braz Primo, 1\$. Americo Soares, 1\$. Manuel Antonio das Neves, 500 rs. José Sorville, 1\$. Francisco Panza, 1\$. Mariano do Gigante, 5\$000. Estoco Batista, 1\$. Serisamel, 1\$. José Felisberto, 400 rs. Valerio V. Boas, 500 rs. Mario A. Prete, 1\$. Francisco Boldrine, 500 rs. Anselmo R. da Silva, 500 rs. Pedro Bonato, 2\$. Alfredo Nasife, 1\$. Antonio Pierrotti, 1\$. Carola, 500 rs. João Luke, 2\$. Elias Habráo, 1\$. José Antonio das Neves, 1\$. Antonio das Neves Filho, 1\$. J. Fratin, 2\$. Estevam Ferreira (Limeira), 2\$. Felice Meloque, 1\$. Carlos Piorrote, 1\$. Um clerical, 1\$. Gregorio Janote, 500 rs. Luiz da Coleta, 5\$. rs. Luiz Fabri, 1\$. Reinaldo Serarate, 2\$. Victorio Bonales, 1\$. Joaquim Quinteiro, 1\$. José Madeira, 1\$. Total, descontando \$200 do Correo, 54\$800.

- Lista a cargo de Adriano José de Moraes, do Rio: Adriano, 2\$. Rafael, 2\$. F. Esendeo, 2\$. Um correligionario, 2\$. Ferreira, 2\$. Corrêa, 2\$. Rosendo, 2\$. Dion de Azevedo, 2\$. P. Rangel, 2\$. Feijó, 1\$. Meilo, 1\$. Arduino Burlini, 1\$. Cordon, 1\$. Simas, 1\$. Theodorico, 1\$. Dario, 1\$. Junior, 1\$. Mota, 1\$. Alvaro, 1\$. Lucerda, 1\$. Reynaldo, 1\$. Argêo, 1\$. Luiz, 1\$. Sá, 1\$. Jayme, 1\$. Paiva, 1\$. Hilario, 1\$. Achilles, 1\$. Barros, 1\$. Sarmiento, 1\$. Fonseca, 1\$. Total, 40\$000.

- Listas a cargo do sr. Chrysanto Eloy de Medeiros, Desterro: Chrysanto Eloy de Medeiros, 2\$. Anonymo, 500 rs. Nemo, 500 rs. Herillo Reis, 1\$. Archimedes, 1\$. Um assignante, 1\$. J. Gomes S. Jardim, 1\$. Valentin Farinhas, 1\$. Mesquita, 1\$. P. Bosco, 1\$. P. Campos, 1\$. Um amigo, 5\$. A. A. G. Brasil, 1\$. Tel-

- reira, 1\$. Um amigo, 1\$. Vieira, 1\$. O. C., 1\$. Um amigo, 1\$. Um anticlerical, 2\$. Mauricio Antonio de Mello, 1\$. Um anticlerical, 1\$. Um anticlerical, 1\$. C. M., 1\$. Um amigo, 500 rs. Total, 33\$500.

- Um anticlerical 1\$. Um anonymo, 500 rs. G. C., 1\$. Um anonymo, 500 rs. C. Rodolpho, 2\$. Navarro, 500 rs. Artomedes Apparicio de Medeiros, 1\$. C. Arlindo Perenco, 500 rs. Ernesto Goeldner, 1\$. Um amigo, 1\$. Total, 9\$000.

- Lista a cargo de Arthur Arantes Marques, de Batataes: Arthur Arantes, 10\$. Jonas Ramos, 5\$. G. Aquini, 5\$. Evaristo Romaroto, 500 rs. Domingos Paciulli, 1\$. Ponte e Biava, 5\$. Alexandre Fuzion, 1\$. Gao Segala, 500 rs. A. L., 1\$. Notala Bonfa, 5\$. Anonymo, 2\$. Luiz Lapato, 2\$. José Lazarini, 2\$. Annibal Magni, 2\$. Erminio Lezzarini, 1\$. Joaquim Alberto Junior, 1\$. Adolpho Nutti, 2\$. Samuel A. Reogi, 5\$. Francisco Nociello, 1\$. J. C., 5\$. Um anonymo, 2\$. Total, 52\$000.

- Lista de José Martins, de Nitheroy, publicada no numero passado como sendo do Grupo Operario de Estudos Sociaes Germinal, com um total de 12\$000: Rafael Garcia, 5\$. José Santiago, 5\$. Camillo Parrenho, 5\$. Almir Motta, 3\$. Francisco Dias Pai, 2\$. Othello Barcellos, 1\$. José Martins, 1\$. Total, 22\$000.

- De diversos: Um correligionario, de Porto Alegre, 100\$000. Rosario Rnffo, hespanhol, de S. Paulo, 2\$000. Parte da subscrição de Seijone Delmoro, de Salto de Itú e Itú, 40\$000. Antonio Vitarho de Oliveira, de Porto Feliz, 5\$000. Parte da lista de Pasqu. Marsica ne, de Cravinhos, 50\$000.

O nosso amigo Everardo Dias offereceu-nos uma boa porção de folhetos de propaganda para serem vendidos em favor da Lanterna.

Errata: No numero passado o nome do nosso correligionario, de Palmeiras, Adilio Ramos, saiu Abilio.

A festa de sabbado

Conforme annunciámos, effectuou-se sabbado passado, no salão «Cello Garcia», a grande festa popular em beneficio do movimento anticlerical e da fundação da Liga Anticlerical que tem por fim oppor resistencia á invasão e á supremacia clerical.

De accordo com o programma estabelecido, deu-se inicio á festa, ás 8 horas e meia da noite, achando-se todas as vastas dependencias do elegante salão apinhadas por uma enorrimissima massa popular, notando-se entre a assistencia numerosas familias.

A primeira parte do programma foi occupada pela representação do drama em 3 actos «Galileo Galilei», cujos principaes papeis foram assim distribuidos: Galileo Galilei, D. Andrighetti; Giulietta, sua filha, senhorita E. Casadei; frade Alexandre Vittrici, Tobias Bani; S. Contorini, G. Casadei; cardeal L. de Medici, G. Bertolotti; M. Viviani, Fontana; e Rei da Suecia, Quaglietta.

Estes interpretes conseguiram dar bom desempenho aos seus papeis, agradando o drama bastante.

Nos intervallos, realizou-se a kermesse, que constou da distribuição de muitas e ricas prendas offerecidas ao comitê.

Em seguida tiveram logar as conferencias em portuguez e italiano, occupando a tribuna, respectivamente, o dr. Passos Cunha, que dissertou sobre o thema «Organização Liberal», e o nosso collega Antonio Sarmiento, director da Patuleia, de Campinas, sendo as suas palavras entrecortadas constantemente por applausos.

Teve a palavra em seguida o operario Julio Sorelli que falou sobre «O Movimento Anticlerical», tendo agradado o seu discurso.

Finalmente, á meia noite teve inicio o grande baile familiar, terminando a bella festa alla madrugada, deixando em todos uma agradável impressão e dando um bom resultado para a propaganda.

DIVERSOES

THEATRO CASINO

As estréas da semana agradaram bastante o numero publico que frequenta esta casa de diversão, destacando-se entre ellas a cançonetista italiana Analia Bianchi, a cantora lyrica Milani e o manipulator illusionista Maletzky.

Para sabbado está annunciado um excellent e spectaculo que terminará com um baile masqué.

Domingo, matinee familiar e á noite spectaculo com excellent programma.

CINEMA CONGRESSO

Têm agradado bastante os que allvão se divertir os excellentes films naturaes que foram exhibidos durante a semana.

O VERDADEIRO REMEDIO PORTUGUEZ

DEPURATIVO DIAS AMADO

ACHA-SE A VENDA NO DEPOSITO CENTRAL—RUA DA QUITANDA, 2 (sobrado)

SÃO PAULO

Quadro negro

Continuamos a inserir o quadro negro do orfanato, onde registamos todos os seus santos feitos:

IDALINA DE OLIVEIRA, orfã, de dez annos, natural de B. bedouro — estuprada pelo padre Stefani e assassinada com pancadas de pé na cabeça pelo padre Faus-Consoni, director do Orfanato, na occasião em que a infeliz criança tentava fugir daquelle antro.

GIUSEPPINA DE TAL, de quatorze annos, estuprada por ter tentado chamar por soccorro dentro do quarto de banho da secção feminina do Orfanato, na Villa Prudente, sendo autor do crime o mesmo padre Faustino, que se diz virgem e puro. America Ferraresi, ex-alumna daquelle bordelesco retugio, VIJ essa menina morta, no banheiro, com o rosto tumefacto e roxo.

ARCANGELO LANDECCI, filho de Cezar Landucci—estuprado e contaminado horrivelmente no Orfanato, enlouquecendo em consequencia deste acto de caridade dos padres.

ALFREDO BELCHI, filho de Carlos Belchi, professor da Escola José Carducci, de Jurema — epileptico devido a pauladas recebidas na cabeça, vibradas por um padre do humanitario Orfanato.

ELVIRA (VULGO VEADINHA) — filha do antigo leiteiro do Orfanato, estuprada pelo sempre virgem padre Faustino, e um capinzal, quando tinha dezeseis annos de idade e hoje prostituida.

JOSE ADEMAR DE FARIA, morador á rua da Gloria—fugido do Orfanato em consequencia de mau tratos, tendo o corpo cheio de seycias e n alma cheia de terror.

DOMINGOS EGYDIO, residente á rua General Carneiro, 45, de novo fugido do sgrado abrigo e transportado para a cidade pelo sr. Antonio Rochetto. Conta, aterrorizado, os maus tratos de pobres que são victimas os asylados. Mostra na cabeça uma larga ecchymose produzida por uma pancada que lhe vibrou um padre do sinistro Orfanato.

Ha tambem uma outra victima, de quem não podemos publicar o nome. A infeliz contou a seu noivo que, ha seis annos, foi estuprada por um padre do Orfanato.

Avaliando só agora toda a infamia soltrida e sabendo seu corpo conspurcado pelo contacto asqueroso do padre infame, quiz ser leal a seu noivo e tudo lhe narrou.

ROSA DE TAL, defforada no Orfanato, que por isso foi abandonada pelo seu companheiro. Existem ainda muitas outras victimas, que por uma forte rede de conveniencias nos impedem de as incluir aqui.

Por isso, só podemos nos occupar dellas sem lhes citar os nomes, e, entretanto, será feito se os padres tiverem a ousadia de nos processar.

Dentre ellas podemos destacar as seguintes: Um menino, residente no Ypiranga, victima de uma tentativa de estupro por parte de um padre do Orfanato.

Uma moça até ha pouco tempo empregada na fabrica de tecidos Mariangela, estuprada por um padre do Orfanato.

Uma outra moça, hoje casada, tambem defforada por um padre do covil do Ypiranga.

Dois meninos, um morador no bairro do Braz, e outro que até ha pouco foi musico da banda do Orfanato, foram tambem victimas da bestialidade dos padres daquelle coio.

UM MENOR, sobrinho dum negociante da rua Gusmões, retirado do Orfanato da Morte, no anno de 1903, em estado de asquerosa immundicie e de miseria phisica. Estava coberto de sarna gallica e tinha os pés cheios de bichos.

Venda de livros

Um nossr amigo, teucionando retirar-se desta cidade, resolveu por com modidade por á venda os volume abaixo designados:

- A 2\$000 O VOLUME Elements de Science Sociale, Dr. Drysdale; La Grande Famille (romance), J. Grave; L'Individu et la Société, J. Grave; Les Inquisiteurs d'Espagne, F. Tarrida del Marmol; Sous la Casaque, Dubois-Desautelle; En marche vers la Société Nouvelle, C. Cornéliussen; Biribi, G. Darien; Récréations physiques (encad.), A. Castillon; Nova Selecta Franceza, Carlos Kuhn, 5ª ed.; Leçons de Physiologie, Claude Bernard (contra du semestre d'été 1855); J. J. Rousseau, Lettres de la montagne; theatre; poesies; botanique; musique; Droit operario, Evaristo de Moraes; The English Student, trad. Said Ali; Bibliographie de l'Anarchie, M. Netllan; Histoire de la littérature française, J. Demogoot. A 3\$000 Guerre — Militarisme, prof. de Grave (encad.); Dictionnaire français-allemand et allemand-français, Thibaut; A 2\$500 Le Géologie, H. Guéde; Theatre de Sophocle. A 1\$000 Instruction civique, Hervé; Leur Patrie, Hervé; Le Coopérationisme, A. D. Bancel. A 500 rs. Grammatica franceza, Floetz; Grammatica portugueza (para allemaes), dr. Rotermund; Le mystere posthume, dr. Lip T. y.; O Alcaide de Santarem, etc., A. Herculanio; La langue allemande, F. Ahn; Pelo correo, mais 100 réis por volume, e para registro mais 200 rs. cada seis volumes.

- A 3\$000 Guerre — Militarisme, prof. de Grave (encad.); Dictionnaire français-allemand et allemand-français, Thibaut; A 2\$500 Le Géologie, H. Guéde; Theatre de Sophocle. A 1\$000 Instruction civique, Hervé; Leur Patrie, Hervé; Le Coopérationisme, A. D. Bancel. A 500 rs. Grammatica franceza, Floetz; Grammatica portugueza (para allemaes), dr. Rotermund; Le mystere posthume, dr. Lip T. y.; O Alcaide de Santarem, etc., A. Herculanio; La langue allemande, F. Ahn; Pelo correo, mais 100 réis por volume, e para registro mais 200 rs. cada seis volumes.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos: CAFÉ CRITERIUM, largo do Rio; Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate); Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate); RUA DO OUIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria; Na rua do Senado, 67; Avenida Passos, 120 (engraxate); Rua do Lavradio, 46; No Bangü, com o sr. Diogo Moreno; Rua Lavradio, 46, com o sr. Angelo Privi; Rua Senador Pompeu, 21, com o sr. Manoel Julio Pereira; Largo da Carioca, 2, com o sr. Leandro Bettino.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias: Em Ribeiro Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43; Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior; Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio; Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Emilio Navajas; Em Guaranesia, com o sr. Gerardo Ziti; Limeira, com o sr. José D'Urto; Rincão, com o sr. Francisco de A. Ramalho; Juiz de Fóra, com o sr. Thomaz It. dos Santos, rua Silva Jardim, 4—A; Florianópolis, com o sr. Valentin Farinhas, rua Republica, 17; Nova Friburgo, com o sr. Carmine Tuzoni.

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos: SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140; VENTURA SIERRA, rua Conselheiro Ramalho, 166; AGENCIA DE JORNALS DO sr. Antonio Seafuto, rua 15 de Novembro, 37; No engraxate, á rua 15 de Novembro, 2; Na rua S. Caetano, 210; Lapa, com o sr. Miguel D'Angelo.

Aos assignantes da Sorocabana

Prevenimos os assignantes dessa linha que estamos procedendo á cobrança da Lanterna. Pedimos a todos de não deixarem-se visitar inutilmente pelo cobrador Pylades Grassini. O nosso jornal só vive de fundos honestos, não está agarrado a nenhuma mangedoura. Os que desejam realmente, que o jornal vá avante devem demonstrar o pagando a respectiva assignatura.

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilégiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espalhando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que atestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro. Fundição e Mechanica, Avenida Martin Burchard, 146 — S. Paulo.

Agencia Libertaria

DE MOACYR CAMINHA Aceitam-se consignações de livros, opusculos, etc.; agencia ou correspondencia de revistas, jornaes ou quaesquer outras publicações. Desconto em commissão conforme accordo. Dos periodicos de propaganda revolucionaria não se aceita nenhuma remuneração. Pontualidade e exactidão. Façam propostas.

Rua Senador Pompeu, 241 FORTALEZA — (CEARA')

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Espanha e a obra de Ferrer. Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Monumento a Ferrer

EM BRUXELLAS O Comité Internacional incumbido de angariar fundos para levar a cabo a erecção dum monumento a Ferrer na capital belga, como reivindicção da memoria do martyr nobilissimo, como protesto do livre-pensamento universal contra o crime medievo praticado sob nossos olhos estupefactos, enviou-nos uma lista de subscrição (n. 338), que fica em nossa redacção, esperando da dignidade dos livres-pensadores brasileiros a necessaria cooperação nesta obra, não de idolatria, mas de desaffronta da civilização moderna. Dirigir á nossa redacção todas as quotas, que serão publicadas em A Lanterna.

Numeros atrasados

Disponos de alguns pacotes de numeros atrasados da Lanterna para serem distribuidos gratuitamente.

Os amigos podem nos enviar os seus pedidos.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1\$000 pagando mais 200 registrada pelo correo.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se A Lanterna a 200 réis o numero avulso.

Benjamin Mota

ADVOGADO E' encontrado no seu escriptorio das 11 horas da manhã ás 3 1/2 horas da tarde Rua do Commercio, 37 — Sala n. 8 SÃO PAULO

Aos assignantes da capital

Participamos aos nossos assignantes desta capital que estamos procedendo á cobrança das assignaturas. A todos pedimos que tenham em consideração as difficuldades que offerece este trabalho em uma cidade grande como é S. Paulo. Os que não puderem ser encontrados em uma hora certa, devem deixar á importancia em casa para não obrigar o cobrador, sr. a fazer caminhadas inúteis.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

- EM PORTUGUEZ Nathanael Pereira, A Educação Religiosa. . . \$200 Ex-padre Guilherme Dias, O que é o celibato. . . \$200 Pedro de Mello, Sonho Dantesco. . . \$200 Marco A. Dancetti, Giordano Bruno. . . \$200 Gorki, Os amassadores. . . \$200 Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho. . . \$200

- EM HESPAÑHOL R. Chaughy, Inmoralidad del Matrimonio. . . \$100 J. Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Población. . . \$100 M. Devaldès, Mathusianismo y Neo-Mathusianismo. . . \$100 Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia. . . \$100 A. Pellicer Paraire, El individuo y la masa. . . \$100 C. S. Darrow, Crimen y Criminales. . . \$100 S. Faure, El Problema de la Población. . . \$100 A. Hamon, Compendio de la Historia del Socialismo. . . \$200

ELECTRA

Drama anti-clerical em 5 actos, do afamado escriptor hespanhol B. Peres Galdós. Esta peça valeu ao seu autor um renome universal, provocando grandes applausos em todas as platéas onde foi representada. Em toda a parte foi ella bem aceita, tendo sido causa de grandes agitações e provocando a furia da padralhada. Livre de porte, custa 1\$500 o volume, que contém 130 paginas.

O Papa Negro

Importante romance historico, de Mezza Botta, contendo 520 paginas e 18 suggestivas illustrações. Neste livro é da historia a fundação e o desenvolvimento na Europa da Companhia de Jesus, a fundação da Maçonaria e a sua corajosa luta contra os tremendos planos dos seus antigos companheiros, chefiados por um dos antigos membros, Ignacio de Loyola. Disciplina clara e minuciosa dos meios empregados para dominar o mundo, pela submissão dos reis e imperadores. Preço dos dois volumes, 2\$000 franco de porte.

LES PETITS BONSHOMMES

Quem tem em casa pequenos estudantes de francez, deve aproveitar a occasião que se offerece de lhes proporcionar leitura atrahente, empolgante e instructiva — que lhes facilite e torne agradável o estudo da lingua. Trata-se do quizenario para crianças — Les Petits Bonshommes, de Paris, com desenhos suggestivos e graciosos, contos, poesias, anedotas, adivinhas, etc., tudo immune de preconceitos, sendo redigido por livres-pensadores. Assignatura annual: 3\$000, enviados a esta redacção, juntamente com a indicação bem exacta e clara do endereço.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarregou-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

Les Temps Nouveaux Revista quizenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3\$000.

La Guerre Sociale Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé. Assignatura annual: 5\$000.

A Sementeira Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa. Assignatura annual: 2\$000.

A Aurora Hefdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1\$800.

Internacia Socia Revue Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris. Assignatura annual: 2\$500.

Fabrica de Fumos "Braz" FUNDADA EM 1887 Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Pereira & Comp. Avenida Rangel Pestana, 56 — S. Paulo